

Capítulo V - UMA PERGUNTA DEIXADA SOBRE A MESA

A noite na People foi muito reveladora para duas pessoas que tinham acabado de se conhecer. Eu consegui uma mesa afastada do agito do palco onde o Terra Molhada se apresentava, com a certeza de que ficaríamos melhor acomodados, embora estivesse longe de ser um espaço mais reservado, próprio para comentários com maior grau de intimidade.

Com muita naturalidade, a conversa foi evoluindo, pontuada pela franqueza e espontaneidade, algo incomum no caso de uma mulher e um homem que compartilhavam os seus primeiros momentos.

Ana comentou que sua família era da Bahia e lá conhecera um argentino por quem se apaixonou. O romance motivou-a a morar com o rapaz em Buenos Aires onde fez muitos amigos e amigas, entre elas, diversas brasileiras. Posteriormente, o seu marido recebeu uma proposta para desenvolver um negócio na Espanha e mudaram-se para Barcelona.

A mudança para a Europa, no entanto, não trouxe benefícios para o relacionamento e depois de algumas tentativas para sanar os desentendimentos no dia-a-dia em Barcelona, eles optaram pela separação. Ana retornou para Buenos Aires para resolver diversas pendências pessoais e, em contato telefônico com uma amiga brasileira que morava em Copacabana, aceitou um convite para passar uns dias de primavera no Rio, mas já com as características de verão predominando na cidade.

Ana não tinha filhos, situação que lhe dava facilidade de locomoção e plena adaptação a locais onde passava alguns dias, podendo ser na casa de familiares ou de amigos.

Eu expliquei que era carioca e divorciado, e que estava de volta ao Rio, após um período de seis anos residindo em Brasília. Tinha duas filhas, de oito e seis anos, que moravam com a mãe no Rio.



Capítulo V - UMA PERGUNTA DEIXADA SOBRE A MESA

A conversa fluía agradavelmente entre sorrisos e gargalhadas e nessas condições de alegria contagiante, o tempo sempre passa muito rápido. Eu consultei o relógio, discretamente, e constatei que já havia passado do horário que havia estabelecido para voltar para casa, pois tinha várias reuniões na manhã seguinte. Para conhecer melhor Ana, tinha decidido prolongar a minha permanência no People. Agora, eu esperava o momento mais adequado para fazer a conversa convergir para uma proposta de como aquela noite terminaria ou pelo menos, a possibilidade de novos encontros nos dias seguintes.

Coube a Ana limitar as atividades nos próximos dias. Ela disse que necessitava comprar a passagem de volta para Buenos Aires no dia seguinte, pois precisava estar lá na terça-feira. Surpreso com o pouco tempo que ainda restaria com Ana na cidade, eu perguntei se ela tinha planos para retornar ao Rio nos próximos dias, evitando, no entanto, demonstrar muita ansiedade. Ana disse que precisava resolver diversas pendências relacionadas ao tempo em que esteve casada com o argentino. E que a solução dos problemas passava pela vontade do ex-marido em colaborar.

Acostumado com as fases iniciais dos romances, achei mais conveniente não apresentar nenhuma sugestão para alongar a noite e continuarmos juntos na minha casa. Preferi obter de Ana a promessa de que manteríamos contato durante a permanência dela em Buenos Aires e que ela retornaria ao Rio, assim que as pendências mais críticas fossem equacionadas.

Nós nos retiramos ao som de 'All You Need is Love', interpretada com muita categoria pelo Terra Molhada. Na calçada do restaurante, pedi o carro ao manobrista para levar Ana à casa da amiga onde estava hospedada, em Copacabana. Na despedida, ainda dentro do carro, um beijo, surpreendentemente prolongado, deixou-nos confiantes de que tínhamos construído, naquela noite, os vínculos emotivos, embora tênues, para uma retomada vigorosa do relacionamento, assim que fosse possível um novo encontro.

Capítulo V - UMA PERGUNTA DEIXADA SOBRE A MESA

O almoço continuava alegre e eu me esforçava para ser preciso nos relatos das belezas do Rio, onde a natureza, pródiga em encantamento, mesclava-se com prédios históricos e suas exuberantes características arquitetônicas.

Em dado momento, Ana quis saber por qual motivo eu havia escolhido o passeio marítimo como palco da noite de Réveillon. Eu aproveitei para comentar que o nome do barco era Bateau Mouche. Ana, então, abriu um sorriso encantador e disse que tinha estado em Paris recentemente e que havia feito o tradicional passeio no Bateau Mouche pelo rio Sena.

Com muita habilidade, expliquei, inicialmente, que a confirmação da vinda dela para o Rio ocorreu muito perto da grande festa de final de ano e que várias opções de lugares interessantes para celebrar o Ano Novo já estavam esgotadas. Sendo assim, o Bateau Mouche foi escolhido entre as poucas alternativas de festas abertas ao público, ainda disponíveis no Rio de Janeiro.

Eu considerei que não precisava detalhar a forma como o passeio marítimo foi selecionado, pois o assunto poderia prolongar-se por um tempo indevidamente longo e tornar-se enfadonho durante o almoço.

Na véspera, sexta-feira, cheguei no trabalho, com uma preocupação pois precisava de uma solução urgente. Ana havia ligado no dia anterior de noite, informando que conseguira resolver os problemas de curto prazo em Buenos Aires e que chegaria no Rio, na noite de sexta para passar o Réveillon comigo.

Um tanto surpreso, mas feliz com a notícia, concluí que não havia nenhuma criatividade em oferecer para ela a celebração do Ano Novo na casa de amigos. Para mim, o romance, em fase inicial de empolgação, precisava de uma noite especial, se possível inesquecível, principalmente para ela.

Com a ideia fixa de proporcionar algo espetacular para Ana, chamei os meus colegas de trabalho com quem tinha mais intimidade para um café em minha sala, com o objetivo de pedir um aconselhamento sobre aonde levá-la na noite do dia seguinte.

Capítulo V - UMA PERGUNTA DEIXADA SOBRE A MESA

Como se tratava de um processo de conquista amorosa, os amigos vibraram com o tema, e as sugestões foram surgindo em ritmo alucinante, algumas delas, claramente no terreno da jocosidade. Em dados momentos, as vozes atingiam níveis tão elevados de decibéis, que fui obrigado a lembrar que poderíamos estar incomodando os colegas que estavam trabalhando nas salas contíguas.

Depois, de mais de meia hora de análises e de algumas boas propostas sendo inviabilizadas pelas consultas telefônicas que informavam que os ingressos estavam esgotados, o grupo tinha se dividido entre o Bateau Mouche e a festa do Copacabana Palace, por sinal os dois eventos mais caros no Rio de Janeiro para a noite de Réveillon.

A decisão, como não podia deixar de ser, coube a mim. Considerei que o Bateau Mouche, embora fosse um programa já tradicional no Rio de Janeiro, proporcionaria momentos mais exuberantes a Ana e que o romance sairia mais fortalecido, depois da experiência de assistir à espetacular queima de fogos, navegando no mar de Copacabana.

Com todos os amigos se confraternizando na sala pela escolha, eu confirmei pelo telefone as condições financeiras para a compra dos dois ingressos. Assinei o cheque e pedi para que um amigo que vinha de motocicleta para o trabalho, levasse logo o cheque para o escritório que coordenava as vendas de ingressos para o Bateau Mouche, pois a entrega, ainda na sexta-feira, era indispensável para garantir as reservas.

Ana estava saboreando um suculento quindim de sobremesa, quando, ao passar os olhos pelo relógio, tomou um susto. Tinha marcado horário no cabelereiro indicado por uma amiga, em Copacabana e havia pouco tempo para chegar ao compromisso. Ela sabia que, em se tratando de último dia do ano, caso perdesse a sua vez, dificilmente conseguiria outro horário, sem atrasar, mais tarde, a saída de casa para o passeio de barco.

Paguei a conta em um piscar de olhos e saímos do restaurante rapidamente, deixando para trás alguns aspectos sobre o passeio que não foram abordados. Ali, durante a calma do almoço, seria a melhor oportunidade para eu fazer uma pergunta crucial a Ana e que foi esquecida: se ela sabia nadar. Aparentemente, um pequeno detalhe que, no entanto, se agigantaria na minha mente, antes que o ano terminasse.